



## **Uso das Plantas Medicinais como Fonte Terapêutica e o Conhecimento das Mulheres na Construção do Saber Local**

**Alane Cristina Peixoto de BRITO<sup>(1)</sup>, Camila Santos Santa Brígida COSTA<sup>(1)</sup>, Carolina Simões dos SANTOS<sup>(1)</sup>, Aparecida Hurtado SOARES<sup>(2)</sup>, Henderson Gonçalves NOBRE<sup>(3)</sup>.**

*Use of the Medicinal Plant like Therapeutic Source and the Knowledge of the Women in the Construction of the Know Local*

<sup>(1)</sup>Estudante do curso de Agronomia; Universidade Federal Rural da Amazônia campus Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); E-mail: alane\_celu@hotmail.com. Estudante do curso de Agronomia; Universidade Federal Rural da Amazônia campus Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); Email Estudante do curso de Agronomia; Universidade Federal Rural da Amazônia campus Capitão Poço/PA (UFRA-CCP): <sup>(1)</sup>Estudante do curso de Agronomia; Universidade Federal Rural da Amazônia campus Capitão Poço/PA (UFRA-CCP): camilasantabrigida@hotmail.com. Estudante do curso de Agronomia; Universidade Federal Rural da Amazônia campus Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); Email: Carolinas.santos@hotmail.com. <sup>(2)</sup> Engenheira Agrônoma, Universidade Federal Rural da Amazônia Campus de Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); E-mail: cidaagro@gmail.com, <sup>(3)</sup> Engenheiro Agrônomo e Professor Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); Email: henderson.nobre@ufr.edu.br. Endereço: Endereço: Rod. PA 124, KM 0 - Bairro: Vila Nova - CEP: 68650-000.

### **Resumo**

A utilização das plantas medicinais com finalidades terapêuticas e profiláticas para várias doenças é uma das práticas médicas mais antigas existentes. Segundo Jorge (s.d), uma planta é tida como medicinal por possuir substâncias que têm ação farmacológica (atuação dos componentes químicos das plantas no organismo).

Neste sentido, o Núcleo de Agricultura Familiar e Agroecologia, através do Grupo de Trabalho de Relações de Gênero, o qual as autoras são integrantes, realizou um diagnóstico junto às agricultoras do Projeto de Assentamento Carlos Lamarca, Município de Capitão Poço/Pará, sobre os conhecimentos tradicionais das mulheres agricultoras a cerca das plantas medicinais, a fim de fazer um levantamento das potencialidades, e limitações quanto ao cultivo dessas plantas, bem como da eficácia do seu uso, aplicabilidade da fitoterapia na agricultura familiar e os seus conhecimentos tradicionais.

### **Abstract**

Utilisation of the medicinal plants with therapeutic purposes and prophylactic for several illnesses is one of the medicinal practices more ancient existent. According to Jorge (s.d), a plant is had like medicinal for possessing substances that have pharmacological action (performance of the chemical components of the plants in the organism).

In this sense, the Core of Familiar Agriculture and Agroecology, through the Group of Work of Relations of Gender, to the cual the authors are integral, realized a diagnostic beside the agriculturalists of the Project of Settlement Carlos Lamarca, Municipality of Capitão Poço/Pará, on the traditional knowledges of the women agriculturalists to near of the medicinal plants, as well as of the efficiency of his use, applicability of the phytotherapy in the familiar agriculture and his traditional knowlwdges.

**Palavras chave:** Plantas medicinais, mulheres, conhecimento tradicional.



**Word Key:** Medicinal plants, Women, Traditional Knowledge.

### **Introdução**

A utilização das plantas medicinais com finalidades terapêuticas e profiláticas para várias doenças é uma das práticas médicas mais antigas existentes. O conhecimento a respeito de seus usos vem sendo transmitido desde o início da civilização até os dias de hoje (CARVALHO, 2011; VEIGA JR et al., 2005).

Segundo Jorge (s.d), uma planta é tida como medicinal por possuir substâncias que têm ação farmacológica (atuação dos componentes químicos das plantas no organismo). Estas substâncias são denominadas princípios ativos. São compostos químicos secundários sintetizados pelas plantas através dos nutrientes, da água e da luz que a planta recebe.

Ao longo dos anos, com o aumento do preço dos medicamentos sintéticos, bem como a eficácia comprovada cientificamente de algumas plantas medicinais, o uso de fitoterápicos vem aumentando de maneira expressiva, havendo desse modo um resgate dos costumes dos antepassados, que as usavam prioritariamente, haja visto que, essa era uma das poucas fontes terapêuticas que dispunham.

O Ministério da Saúde, a fim de estimular o uso e a regulamentação das plantas medicinais, criou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada no ano de 2006. Deste modo, isso implica diretamente em uma outra fonte de renda disponível às mulheres, que cultivam as plantas medicinais e detém conhecimentos do seu beneficiamento para uso terapêutico.

O difícil acesso à assistência básica de saúde reafirma ainda mais a importância das plantas medicinais, tendo em vista que em muitos casos, essa é a única forma de tratamento terapêutico de doenças de determinadas populações, que ficam à margem da seguridade de disponibilidade de medicamentos de outro gênero.

Neste sentido, o Núcleo de Agricultura Familiar e Agroecologia, através do Grupo de Trabalho de Relações de Gênero, o qual as autoras são integrantes, realizou um diagnóstico junto às agricultoras do Projeto de Assentamento Carlos Lamarca, Município de Capitão Poço/Pará, sobre os conhecimentos tradicionais das mulheres agricultoras a cerca das plantas medicinais, a fim de fazer um levantamento das potencialidades, e limitações quanto ao cultivo dessas plantas, bem como da eficácia do seu uso, aplicabilidade da fitoterapia na agricultura familiar e os seus conhecimentos tradicionais.

### **Material e métodos**

Foi elaborado um questionário semiestruturado, contendo 18 perguntas, claras e objetivas a cerca da temática, de modo que facilitasse o entendimento das pessoas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas no Assentamento Carlos Lamarca, município de Capitão Poço, nordeste Paraense, em todos os lotes, abrangendo assim as 29 (vinte e nove) agricultoras que constituem família no assentamento. O período da realização das entrevistas junto às agricultoras oriundas da reforma agrária foi de 01 a 30 de julho de 2013.

Foram utilizadas metodologias participativas, conforme prescritas por Verdejo (2006), principalmente as ferramentas metodológicas Observação Participante e Travessia. Também foram utilizados registros fotográficos em diferentes etapas das entrevistas, e com permissão das entrevistadas, as falas foram gravadas para assegurar a integridade da informação e facilitar a sistematização.

Após o diagnóstico, foi realizada uma sistematização dos dados obtidos a campo, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente, gerando assim um relatório contendo todas as



informações das entrevistas com as agricultoras. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, que visaram à verificação de nomes científicos das plantas medicinais citadas nas entrevistas, sendo que, o nome popular pode variar de acordo com determinadas regiões.

### **Resultados e discussão**

As mulheres agricultoras do Assentamento Carlos Lamarca, quase que em sua maioria, cerca de (93%) cultivam plantas medicinais e possuem uma grande diversidade de espécies em seus lotes, as quais são usadas para diferentes fins terapêuticos.

O conhecimento tradicional que usam para a fabricação de fitoterápicos, geralmente é herança de suas mães e avós, ou ainda de pessoas que indicaram seu uso, que ao longo das gerações foram perpetuando seus saberes a cerca do uso dessas plantas, como por exemplo, na fabricação de pomadas, banhos, chás, entre outros.

É importante destacar, que as plantas medicinais exercem um papel formidável na renda das famílias, pois com seu cultivo e beneficiamentos, as mulheres podem comercializá-las in natura ou ainda os seus subprodutos.

É de suma importância o repasse desses conhecimentos para as novas gerações, tendo em vista, que em algumas condições o uso das plantas medicinais é a medida mais acessível à comunidade, no que diz respeito ao tratamento de algumas enfermidades, além de consolidar e contribuir de forma direta e indireta na construção do conhecimento local.

É válido ressaltar que as mulheres são verdadeiras guardiãs dos conhecimentos tradicionais à cerca das plantas medicinais, bem como da reprodução familiar e dos trabalhos da roça como um todo.

Segundo relatos das agricultoras, elas utilizam prioritariamente os fitoterápicos no tratamento de doenças, pela maior eficácia que apresentam se comparados aos medicamentos sintéticos, que além de não estarem prontamente disponíveis, apresentam preços elevados e causam dependência ao organismo, de modo que ao passar dos tempos, já não cumprem seu papel de maneira satisfatória.

O uso de plantas medicinais perpassa questões terapêuticas e adentra a história e cultura de inúmeros povos, que as usam durante várias gerações para o tratamento de enfermidades, de modo a perpetuarem seus conhecimentos tradicionais, auxiliando assim de forma direta e indireta na adoção deste meio de tratamento terapêutico por outras pessoas.

A opção contempla também o fato de os fitoterápicos, proverem de fontes naturais, as quais segundo as mesmas são mais saudáveis e acometem menos danos à saúde, que medicamentos sintéticos. Além do fato de a comunidade não dispor de nenhuma unidade de saúde e estar localizada no interior do município, o que acaba por dificultar o seu acesso a outros medicamentos externos às suas áreas.

É válido ressaltar, que há uma minoria de mulheres em média (2%), que não usam as plantas medicinais, por não acreditarem na sua real eficácia, por terem receio de efeitos colaterais danosos à saúde e por utilizarem apenas medicamentos que sejam prescritos por um médico.

Geralmente, as agricultoras cultivam as plantas medicinais nos seus quintais, seja associado a outros cultivos, como hortaliças, ou ainda em locais específicos, como pequenos hortos, e é daí que dispõe dos materiais para fazerem seus fitoterápicos.

Entretanto, as que não produzem em seus lotes, adquirem as plantas medicinais com as vizinhas, com as quais estabelecem relações de troca, comum na comunidade, ou ainda, usam as que se dão de maneira espontânea ao redor de suas casas.

Foi possível observar que o cultivo de plantas medicinais, vai além de questões técnico/produtivas e adentra a vida cultural dessas mulheres, tendo em vista que, a arte de



cultivá-las foi uma herança deixada em sua maioria por seus antepassados, onde as mesmas reproduzem técnicas aprendidas com suas mães, avós, sogras que também aprenderam da mesma forma, de modo que um ciclo de conhecimentos perpetuando-se ao longo dos anos. Ou ainda, a adoção do cultivo dessas plantas, se deu pelo intercâmbio de experiências exitosas vividas com outras pessoas, que de certa forma contribuiu para a sua expansão.

A pronta disponibilidade de matéria prima para a produção de fitoterápicos é por vezes, a justificativa mais plausível das agricultoras, que dispõe em sua própria propriedade de plantas que, através de chás, banhos, pomadas artesanais, entre outros, acabam por diminuir a sua dependência a medicamentos sintéticos, e conseqüentemente os gastos para a aquisição dos mesmos.

A maioria das mulheres usam as plantas medicinais somente quando precisam tratar de alguma doença, mas há também as que utilizam como medida preventiva às mesmas, consumindo fitoterápicos diariamente ou semanalmente.

Atualmente já há médicos que prescrevem fitoterápicos, com intuito de proporcionar um tratamento mais natural a seus pacientes e pela eficácia que apresentam, tanto quanto ou até mais que medicamentos sintéticos, em determinados casos.

As mulheres do assentamento, especificamente, relataram que não costumam avisar ao médico que utilizam plantas medicinais, até em função da pouca frequência com que o que consultam. Em média, 83% das mulheres não avisam ao médico que utilizam as plantas medicinais como uso terapêutico, apenas 17% o faz.

As agricultoras ressaltaram ainda, que preferem dispensar o uso de medicamentos sintéticos, pelo fato de o acesso às prescrições médicas serem tanto quanto dificultoso, pois no assentamento não há uma unidade básica de saúde, desse modo, o atendimento médico, não se dá de maneira frequente, e para evitarem problemas de eventuais intoxicações por automedicações, e por já serem conhecedoras da eficácia da fitoterapia, acabam por optarem pela mesma.

Entretanto, Martins et. al., (2012) e Rodrigues et. al., (2010) ressaltam que apesar das plantas possuírem muitos usos terapêuticos que são conhecidos popularmente pelas pessoas, o ser humano desconhece o fato de que elas podem apresentar toxicidade tanto para o homem quanto para os animais. Desse modo, o consumo em excesso de fitoterápicos, pode gerar problemas de intoxicação, tanto quanto de medicamentos sintéticos, devendo-se sempre atentar para a dosagem de ambos.

Uma das maiores limitações no cultivo de plantas medicinais, segundo as agricultoras, é quanto ao seu beneficiamento e armazenamento, já que determinadas plantas necessitam de cuidados especiais na hora de serem armazenadas. Segundo Jorge (s.d), o tempo de armazenamento deve ser o menor possível, para evitar a perda dos princípios ativos. O local deve ser escuro, seco e arejado, sem poeira, insetos e roedores.

As agricultoras relataram, que quando se trata de doenças mais graves, elas também utilizam plantas medicinais, mas usam juntamente com medicamentos industrializados, por acreditarem que somente os fitoterápicos, nestas circunstâncias, não resolveriam o problema.

É de interesse das agricultoras, que seja criado um horto medicinal na comunidade, a fim de aumentar a diversidade de espécies no local, que estejam prontamente disponíveis para a fabricação dos fitoterápicos, além de essa ser uma medida que auxilie e/ou assegure a conservação das espécies.

Outro interesse é o de diminuir a dependência externa à comunidade, de plantas medicinais, como por exemplo, as que são compradas por elas nas farmácias, desse modo, diminuindo os seus gastos e possibilitando eventuais doações para outras comunidades ou pessoas que as demandem, ou ainda de mudas e sementes.



A falta de um local destinado especialmente para os processos de beneficiamento, embalagem e armazenamento, acaba por diminuir o tempo de utilização das plantas medicinais colhidas pelas agricultoras, podendo ainda comprometer as quantidades dos princípios ativos dessas plantas, e deixá-las mais suscetíveis a problemas de cunho fitossanitários.

### **Conclusão**

É de grande importância o conhecimento que as mulheres agricultoras têm sobre as plantas medicinais, as quais são cultivadas na maioria dos lotes. É importante ressaltar a valorização desse conhecimento adquirido ao longo das gerações, através de suas avós, mães, sogras, o que por sua vez, auxilia na construção do saber local, saber empírico. Vale destacar que as plantas medicinais cumprem um papel importante nesse contexto, em que as famílias que vivem no assentamento, estão longe dos centros de saúde, e também muitas vezes não tem condições de naquele momento de enfermidade, comprarem os medicamentos sintéticos industrializados, desse modo, dispoendo apenas das plantas medicinais para a fabricação de seus fitoterápicos. Podendo ainda contribuir na geração de renda da família, na venda de plantas medicinais in natura ou de seus subprodutos. O conhecimento no uso de plantas medicinais por parte das mulheres deve ser aprofundado e/ou aprimorado, a fim de que a produção dos fitoterápicos seja de maneira mais padronizada, e seu consumo de modo racional, para que assim possam expressar sua eficácia, sem oferecer riscos à saúde, em casos de dosagens errôneas, que podem gerar intoxicação.

### **Referências bibliográficas:**

CARVALHO, L. S. **Alterações clínicas e histológicas decorrentes de neurointoxicação por plantas medicinais**. 2011. In: SEMINÁRIOS APLICADOS, Universidade Federal de Goiás, Escola de Veterinária e Zootecnia, Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Goiânia, 2011.

JORGE, S. S. A. **Plantas medicinais** (Coletânea de saberes). Cuiabá, Mato Grosso (sem data).

MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2000.

VERDEJO, Miguel Expósito; **Diagnóstico Rural Participativo** (Um guia prático). Brasília, 2006.